3. Estudo de caso dos Clubes de Futebol Cariocas

Na frase "O campeonato carioca é o mais charmoso do Brasil", percebe-se de forma historicamente diferenciada a importância da prática do futebol carioca no contexto do futebol brasileiro; a relevância deste esporte no Rio de Janeiro e o seu impacto em nível nacional, podem ser facilmente percebidos nas referências da crônica esportiva, que destaca o certame carioca como o "campeonato mais charmoso do Brasil". O Rio de Janeiro detém ainda o título de "clássico mais charmoso do Brasil" – o tradicional Fla x Flu (Figura 64), bastante celebrado pelo aspecto cromático percebido nas partidas, em virtude da mistura das cores. O vermelho, o preto, o grená, o verde e o branco, quando integrados durante os enfrentamentos desses clubes, conferem um visual diferenciado, que vai permitir destaques particulares. O Fla-Flu é reconhecido por todos como o clássico mais colorido do Brasil. O emprego da palavra "charme" para designar o futebol brasileiro revela aspectos dependentes de fatores incertos, sujeitos ao acaso, eventos casuais, fortuitos ou acidentais. O que significa "charmoso"? O Dicionário Aurélio⁷⁷ define o termo como: "que tem charme; atraente, fascinante, sedutor, encantador". Assim, voltamos àquela dimensão que nomeamos "sagrada" no início deste trabalho.



X



Figura 64 – O espetáculo das torcidas no Fla x Flu, 2007.

O número de simpatizantes em todo território brasileiro também reforça a idéia da incalculável relevância ou inqualificável charme do futebol carioca. Considera-se que alguns elementos anteriormente apresentados permitem caracterizar o universo do futebol carioca de forma diferenciada em relação ao restante do Brasil, destacando-se o aspecto cultural e geográfico. A presença geográfica do mar e a incorporação dos aspectos culturais que lhe são decorrentes, principalmente no campo esportivo, podem ser consideradas como elementos diferenciadores.

De acordo com o apresentado anteriormente, outro importante agente de influência na iconografia do futebol foi o turfe (Figuras 65 e 66). Considerando a relevância do Rio na prática deste esporte, admite-se que sua influência foi mais marcante nas agremiações esportivas cariocas. Curioso e talvez simbólico é o fato de que a principal praça do turfe foi substituída pelo estádio do Maracanã.





Figuras 65 e 66 – O Derby clube localizava-se onde está atualmente o estádio do Maracanã. Ao lado o Maracanã em construção em 1949.

Dentro do aspecto cultural, considera-se que o próprio sincretismo religioso, a natureza carnavalesca e a típica festividade carioca compõem essa diferenciação. Na presente abordagem não se entende a iconografia estritamente como o uso de elementos gráficos que compõem formalmente a identidade visual das agremiações, mas toda a cultura visual resultante da prática do esporte, principalmente aquela relacionada às torcidas e seus adereços. Recentemente, em atitude inovadora, o governo municipal, em ato público, elevou a torcida do Flamengo à condição de patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro. Entende-se que o "visual" da torcida desempenhou papel fundamental nesse

contexto, o que justifica um detalhamento a *posteriori*.(Figura 63)



Figura 67 – Maracanã estilizado, com bandeiras e adereços das agremiações cariocas, no desfile do Salgueiro em homenagem ao Rio, 2008.

A identidade visual das agremiações esportivas do Rio, como vimos no capítulo anterior, representa a articulação da emblemática do remo e do futebol com as características geográficas da cidade do Rio. Essa relação iconográfica não está apresentada de forma explícita, como vimos no caso do clube Fiorentina, que emprega a flor-de-lis, símbolo da cidade de Florença, onde está localizada a associação, ou mesmo no caso do time Croata que emprega em seu uniforme o mesmo padrão quadriculado da emblemática da Croácia. No caso carioca, essa articulação se dá de forma mais sutil através da simbologia do mar, recorrente na maioria das associações, ou mesmo no emblema da bandeira do município do Rio de Janeiro, representado por golfinhos. (Figura 68)



Figura 68 – Praia de Copacabana; Brasão da cidade do Rio de Janeiro com a representação de dois golfinhos; e Pavilhão de Regatas construído por Pereira Passos. na enseada de Botafogo.

Para compreensão da identidade de visual dos clubes de futebol analisaremos, além das características visuais do Rio de Janeiro, a singularidade de cada associação. Entendemos que cada associação esportiva apresenta cultura particular, que envolve códigos sociais e valores próprios. Como escreve Hobsbawm⁷⁸, os clubes poderiam ser considerados 'tradições inventadas'. Os hinos; os rituais do esporte os símbolos gráficos aplicados na bandeira e no uniforme, seriam invenções dessas práticas sociais denominadas esportivas, e expressariam a cultura das pessoas reunidas em torno dessas associações.

Podemos estabelecer uma analogia entre a concepção do clube e o conceito de nação ou identidade local – a mais recorrente, de acordo com Hollanda⁷⁹. É possível compará-los e concluir que tanto um país quanto um clube apresentam em sua simbolização aspectos similares, expressos na bandeira, no hino e nas cores. Hollanda⁸⁰ acrescenta que, por ocasião de sua fundação, as agremiações esportivas constituíam uma forma de o imigrante europeu manter um elo, ainda que no plano simbólico, com a cultura da sua terra natal. Entendemos que os clubes, assim como as nações, mantêm sua própria cultura e seus próprios símbolos.

⁷⁸ HOBSBAWM, E., RANGER, T., A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984, p. 271.

⁷⁹ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 121. 80 Ibid. HOLLANDA, 2005.

Nogueira⁸¹ analisa o fato de que atualmente os clubes encaram a si próprios como algo além de uma associação destinada à prática do esporte. Cada um mitifica sua história, suas cores, seus feitos no passado, seus grandes atletas, e projeta para si um futuro grandioso. O pesquisador lembra que, nos Estados Unidos, as Ligas de basquete, NBA, ou de futebol americano, NFL, destinam-se apenas a disputar determinado campeonato, não existe trabalho social dentro das sedes dos clubes.

Analisaremos neste capítulo a identidade visual dos clubes cariocas: Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense. Abordaremos o sentido dessas escolhas gráficas, e as modificações do seu design, na maioria dos casos ocorridas por motivo de superstição ou por aspectos mercadológicos, a fim de maximizar a renda do campo esportivo.

Vamos nos remeter à formação do campo esportivo no Brasil para entender a construção social das agremiações esportivas e chegar ao futebol contemporâneo. Pretende-se previamente apresentar uma contextualização histórica do turfe e do remo, destacando os seus elementos gráficos a fim de permitir maior consistência na tentativa de diferenciar a possibilidade de uma identidade visual carioca. Contudo não se intenciona, com esta abordagem, a formulação de pareceres conclusivos. As observações realizadas ao longo deste estudo permitem certa "especulação" inicial acerca desta abordagem, mas não foi considerada uma análise mais aprofundada, com inclusão de elementos mais consistentes para sua validação..

3.1. Os aspectos gráficos do Turfe

Além do remo e do futebol, o turfe, em sua origem, constituía um esporte de grande popularidade no Brasil, reunindo praticamente todas as classes sociais. Além das touradas, são famosas as cavalhadas no Brasil colonial. Esse esporte, de

⁸¹ NOGUEIRA, Claudio. Futebol Brasil Memoria – De Oscar Cox a Leonidas da Silva (1897-1937). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006. p. 45.

acentuada característica agrária, no qualo cavalo era o foco, em vez do homem, solidificou o campo esportivo para a chegada de outros esportes modernos. Segundo Melo⁸², o turfe foi inventado quando o campo esportivo no Rio de Janeiro se encontrava em pleno processo de formação, isto é, já havia um sistema de instituições de consagração e produção de bens e serviços esportivos para atender à crescente demanda de consumo do esporte, funcionando relativamente como um campo autônomo. Podemos considerar o turfe como o mais antigo dos esportes modernos; seu uniforme certamente foi a referência que legitimou as formas gráficas para outros esportes queo sucederam, como o ciclismo, o remo e o futebol. Observamos também que o turfe apresentava sintaxe visual própria – por exemplo, no uso de listras e formas histriônicas, tais como estrelas e círculos, possivelmente apropriadas de outros campos.

A aceitação do turfe no Rio de Janeiro era muito grande. Para uma população de cerca de um milhão de habitantes, a cidade comportava cinco prados, repletos de torcedores nos dias de corrida: o Derby, o Hypodromo Nacional, o Turfe Club, o Prado Guarani e o Jockey Club Fluminense. Este último, exclusivamente esportivo, foi fundado em 1849; seu hipódromo se localizava no atual bairro de São Francisco Xavier. Outro Club com a mesma dimensão e popularidade foi o hipódromo do Derby Club, situado na área onde hoje se encontra o Estádio do Maracanã. Esses dois clubes em particular eram freqüentados pela abastada elite carioca, e a marca desse refinamento estava presente no programa de corridas impresso em seda.

A exceção era o Prado Guarani, em Niterói – dentre as cinco associações com características mais populares, a única que podemos considerar formada pela classe média do Rio de Janeiro, muito embora esta classe ainda não houvesse se solidificado. O Derby era composto por uma classe urbana, enquanto o Jockey Club Fluminense se afinava com a classe agrária. Mais tarde os dois se fundem, e é criado Jockey Club Brasileiro, até hoje em funcionamento no Bairro da Gávea.

Nos eventos do turfe, observa-se nas arquibancadas uma verdadeira celebração social e até mesmo uma forma de exibicionismo, principalmente no

⁸² MELO, V. A. Cidadesportiva - Primórdios do esporte no Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

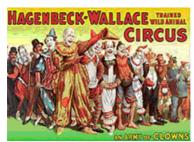
⁸³ Ibdem. EDMUNDO. Op.cit. 1938. p. 866.

que se refere às classes abastadas. As corridas de cavalo eram acontecimentos sociais que entusiasmavam o público, mas a sua finalidade não se restringia apenas ao esporte.

No público presente às competições, podemos observar que as elites se distinguiam socialmente através de hábitos europeizados, expressos em suas vestimentas. Os homens trajavam geralmente casaca cinzenta, chapéu alto da mesma cor, e binóculos a tiracolo Já as mulheres usavam geralmente vestidos brancos, com 'manga presunto', e sobre a cabeça ostentavam chapelões de palha ornados com flores, laços de fitas e plumas ou frutas.

Do lado oposto, na pista de corridas, estavam os atletas. Podemos associar da seguinte forma os elementos visuais contidos na vestimenta dos jóqueis: o padrão gráfico do uniforme do turfe era composto por listras, estrelas e grandes círculos estampados de forma histriônica. As roupas dos jóqueis ainda se assemelham de algum modo às roupas circenses (Figuras 69, 70 e 71), como a do palhaço; o tecido era cetim de seda, bem brilhoso, como aquele empregado nos espetáculos. Essa semelhança vem ao encontro da observação de Pastoureau, segundo o qual pelo fato de também figurar como uma espécie de marginal, *out sider*, ou seja, por estar presente no evento apenas para "trabalhar", e não para se divertir, o atleta se mostra grande consumidor de listras, tal como o palhaço, o saltimbanco, o ator e todos aqueles que se entregam ao espetáculo e se situam à margem da sociedade.

Essa característica lúdica e jovial da forma nos remete ao atual uniforme da seleção de futebol da Croácia de 2006, o qual chamou atenção do público na última Copa, por conta das formas empregadas. (Figura 71).







Figuras 65, 66 e 67 – Similaridades gráficas entre a roupa do circo, do jóquei e do futebol.

Constatamos o uso desses elementos gráficos nos uniformes através dos conhecidos registros pictóricos de Oscar Pereira da Silva⁸⁴: "Jóquei montado sobre o cavalo Cyaxari", o cavalo mais popular da época, conhecido vulgarmente como "Boi da Moca", em 1885.

A farda do jóquei constituía-se basicamente de boné; camisa de manga comprida em seda (ou cetim) geralmente bicolor, com gola militar,; botas de montaria com cano longo; calça justa. A nomenclatura atribuída à gola e ao uniforme, conhecido como farda, parece indicar a herança militar, a qual, de resto, não se reduz apenas aos termos empregados para designar elementos dos uniformes. No que se refere às estampas, como afirmamos, a característica parece lembrar a roupa do espetáculo circense.

A blusa era azul, com aplicações de grandes bolas na cor rosa, combinando com o boné. Grafismo com características semelhantes eram as grandes estrelas de cinco pontas aplicadas no uniforme. Outra característica que cabe frisar, pois aproxima o uniforme do turfe ao uniforme do remo, é o estilo clássico "papagaio vintém", do CR Flamengo. (Figura 72).



Figura 72 – Uniforme clássico do turfe, no estilo "papagaio vintém".

Nos quadros de Oscar Pereira da Silva há inúmeros registros de listras bicolores, horizontais e verticais. O jóquei George Roudghler (e sua montaria

.

⁸⁴ CARVALHO, Ney. Jockey Club Brasileiro, 130 anos. Um século e meio de turfe. Rio

Helvetia, vencedores do Grande prêmio comemorativo do descobrimento do Brasil organizado pelo Derby Club, ostenta as cores grená e ouro em listras horizontais, da Coudelaria Aguiar (Figura 73).



Figura 73 – Jóquei em trajes listrados em ouro e grená.

Na peça gráfica do Joquei Club há grande variedade de composições gráficas. Pode-se observar nova característica dentro da amostra analisada: o cavaleiro exibe na camisa a Cruz da Ordem de Cristo, como aquela presente na camisa do Clube de Regatas do Vasco da Gama (figura). Os demais uniformes seguem o padrão de listras horizontais e verticais estampadas na blusa e no boné.



Figura 74 – Uniforme com a Cruz da Ordem de Cristo aplicada ao peito.

Para concluirmos este subtítulo acreditamos importante compreender que a prática do esporte na época era algo extremamente novo ou moderno, e a prática do esporte aquático, ainda mais inovadora. O mar, dentro da mentalidade então vigente, era sinônimo de modernidade porque simbolizava toda a noção de Saúde e Higiene. Agua era profilática e limpava as impurezas. A água salgada curava os males das doenças. Se anteriormente o mar era inacessível ao homem, agora passa a ser um lugar moderno, destinado a atividades de esporte e lazer.

3.2. A Identidade Visual dos Clubes de Regatas.

O desenvolvimento do esporte do remo na cidade estava ligado a um complexo quadro de transformações socioculturais. Podemos entender que a nova relação do homem com o mar e a valorização do esporte urbano propiciaram a popularização desse esporte. As listras praianas que protegiam o corpo vêm a se estampar também no uniforme dos remadores, além de estar presentes em outros esportes da época. Muitos times de futebol tiveram origem nas agremiações de remo; desta forma é importante entender o processo de formação do campo esportivo no Rio, no qual estão inclusas as associações de remadores.

Ao final do século XIX, quando o "campo esportivo" começa a se desenvolver no Brasil como organização autônoma, ocorre o estabelecimento de um calendário próprio de competições, a imprensa dá início à legitimação do esporte, e as instituições vêm a se formar em torno das agremiações. Muitos imigrantes já se exercitavam com essas práticas, consideradas civilizatórias, e as introduziram no Rio de Janeiro. A modernidade já via o esporte como espetáculo de consumo; esta característica já vinha se prenunciando desde a Revolução Industrial; tratava-se de uma grande novidade civilizadora. Mas modernidade não significa modernização, ou seja, muitos aspectos da modernização industrial ou burguesa não se acompanharam de equivalente modernização cultural.

Canclini⁸⁵, por exemplo, considera as práticas civilizatórias da modernidade como algo artificial e fabricado; neste viés, a modernidade pode ser vista como uma máscara, um simulacro gerenciado pelo Estado e pelas elites, o qual deixava de fora a maioria da população.

Os jovens, em particular, buscavam os ideais de beleza contidos no remo. Nascia um novo tipo de homem, o Sportsman, que além de elegante e dono de um corpo semelhante a uma escultura clássica, mostrava-se também saudável, viril, atlético e musculoso. Os padrões estéticos mudam ao longo do tempo e conforme a sua situação geográfica, mas também estão associados à distinção social. Os escravos no Brasil, por exemplo, apresentavam corpos musculosos em consequência dos trabalhos braçais. Porém, não foram incluídos nesse ideal estético e moral. O ideal de beleza para as mulheres também era diferente. Ociosas, as mulheres brancas e ricas não freqüentavam as praias, e por não se exercitarem, desenvolveram formas avantajadas. Enfim, o trabalho braçal não representava um valor social para a classe dominante, muito menos para as mulheres. Certamente há um nó nessa postura; talvez seja necessário apontar o seu viés hipócrita, pois a noção "trabalho braçal" não compreende o cuidado com os filhos e a rotina dos trabalhos domésticos para as mulheres brancas pobres em uma época em que ainda não existia a eletrificação da casa. A distinção social estava manifesta no corpo, e esta nova estética corporal distinguia as camadas mais abastadas que praticavam o sport.

Os jovens remadores bronzeados exibiam musculosos e bem desenhados corpos, trajavam calções longos que iam abaixo da linha do joelho e blusa listrada sem manga, tudo de acordo com a orientação "médica" da época. A estética do corpo saudável encontrava sua justificativa na fundação dos clubes, nos quais quase sempre se assentava a concretização do sonho de associação de jovens abnegados desportistas, interessados em um espaço para a prática esportiva. Dessa forma, vários clubes despontam na cidade, distribuídos pelos mais diversos bairros. A maior parte surge no final do séculos XIX e início do século XX, quando a cidade vive momentos de grandeza, e o esporte simboliza um novo modo de vida.

-

⁸⁵ Canclini, Néstor Garcia. Culturas Hibridas. São Paulo: Edusp. 1998. p. 25.

O Grupo de Regatas Gragoatá, vencedor do Campeonato do Rio de Janeiro de 1908, já estampava listras em seu uniforme (Figura 74). O São Cristóvão incluía-se numa minoria de clubes que não apresentavam listras em seus uniformes, além de revelar uma característica peculiar: sua camisa era toda de cor rosa. É curioso notar que o bairro de São Cristóvão, do ponto de vista geográfico, era bem diferente de hoje em dia. Para ter uma idéia, o mar da Baía de Guanabara avançava até a Igreja Matriz, e o atual bairro do Caju localizava-se em uma ponta, na extremidade do bairro, tornando toda a extensão praieira são cristovense uma verdadeira enseada, própria para a prática do remo. O São Cristóvão é originário do "Clube de Regatas Cajuense", que durou apenas sete anos. Em razão de disputas internas, este último mudou de nome; posteriormente, alguns dissidentes fundaram o "Clube de Regatas Fluminense", cuja existência foi ainda menor.86



Figura 74 - Grupo de Regatas Gragoatá, fundado em 1895.

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento do remo foi a construção do Pavilhão de Regatas, entre a Rua Santa Luzia e o Passeio Público. Essa iniciativa estava incluída na política de intervenção urbana, iniciada por Pereira Passos para a regeneração da cidade diante do crescimento urbano desordenado causado pela Revolução Industrial⁸⁷, e da falta de estrutura de saneamento básico, respnsável pelo quadro de insalubridade que dominava a metrópole.

-

⁸⁶ Web site http://www.saocristovaofr.com.br/historia.htm. Acesso em 27/07/2007.

Passos ainda construiu barracões que funcionaram como garagens de barcos dos clubes Botafogo e Guanabara, e melhorou as condições do local onde a população se banhava com freqüência⁸⁸".

Como podemos perceber, o Sport foi associado às melhorias no âmbito da cidade, no sentido da modernização imposto no começo do século. A rua Santa Luzia e o Passeio Público sediaram associações esportivas populares da época, como a natação, a corrida de bicicleta e as corridas a pé (primórdios do atletismo). Mas foram as associações de remo as que maior impulso conferiram à organização e difusão dos esportes, contribuindo para a fundação de clubes em diversos bairros, como veremos a seguir.

Podemos destacar, no ano de 1873, a criação do Club Guanabarense; logo depois proliferam outras associações de esportes aquáticos. O clube de Regatas Cajuense; o Club de Regatas Internacional, em 1892; paralelamente, a "Union des Canotiers", uma espécie de federação de remo da época, incorpora-se às sociedades náuticas que surgem. Em seguida, a partir de uma dissidência do Clube Guanabarense, nasce o Grupo do Botafogo, que recebe a denominação de clube, em 1894, e mais tarde dá origem ao Botafogo Futebol Club.

A origem do Flamengo também está intimamente ligada ao ambiente do remo. Jovens remadores da época - José Agostinho Pereira da Cunha, Mário Spindola, Nestor de Barros, Augusto Lopes, José Félix da Cunha Meneses e Felisberto Laport - resolveram comprar um barco de segunda mão, adequado às finanças disponíveis do grupo. Cotizaram-se para reunir o dinheiro, adquiriram o primeiro patrimônio, nomeado *Pherusa*, e efetuaram uma reforma completa para utilizá-lo. No dia 6 de outubro, os jovens, acompanhados de Maurício Rodrigues Pereira e Joaquim Bahia, saíram para a primeira volta com o barco. Partiram à tarde, embarcando na Ponta do Caju, praia de Maria Angu (atual praia de Ramos). Mesmo com o tempo ameaçador, Mário Spindola navegou rumo à praia do Flamengo. Então, surgiu o primeiro grande desafio do grupo. O forte vento virou a embarcação, e os náufragos tiveram que se segurar no que restou do *Pherusa*.

⁸⁷ Na verdade Pereira Passos foi um dos maiores colaborados da introdução da "modernidade" na capital do Brasil, impondo a reforma urbanista do antigo Centro da cidade.

⁸⁸ MELO V. A. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999.

Joaquim Bahia, excelente nadador, tentou chegar à praia em busca de ajuda. Mas a chuva e o vento cessaram; logo apareceu outro barco, o Leal, pertencente a pescadores da Penha, e foi realizado o resgate dos jovens e do *Pherusa*. A preocupação passou a ser Bahia; este felizmente sobreviveu ao naufrágio e depois de quatro horas alcançou a praia. 89

À época, o fato foi encarado como uma brincadeira de jovens remadores entusiasmados com o esporte, mas para o grupo, a sobrevivência ao naufrágio foi interpretada como façanha de um time predestinado à vitória, que desde sua criação enfrentou e superou muitas adversidades. Bahia foi considerado o primeiro herói da equipe, e mais tarde emprestaria seu nome a um clube. Porém o importante para esta pesquisa é o fato de o evento ter contribuído para solidificar os atributos imateriais de "garra" e "fibra" assumidos por esses jovens e, posteriormente, pelos atuais torcedores do Clube Flamengo Futebol e Regatas – ou seja, razões abstratas ou evanescentes.

A recuperação do *Pherusa* foi iniciada novamente. Porém, quando já quase pronta, a embarcação foi roubada, e nunca mais vista. Mas o entusiasmo em fundar um grupo de regatas não desapareceu. Os jovens decidiram comprar outro barco. George Leuzinger, José Agostinho, José Félix e Felisberto Laport entraram no rateio, juntaram o dinheiro necessário, e compraram o *Étoile* (estrela, em francês), pertencente a Luciano Gray, logo batizado de *Scyra* (pedra, em grego), e registrado na *Union de Canotiers*.

Na noite de 17 de novembro de 1895, no casarão de n° 22, propriedade de Nestor de Barros e situado à Praia do Flamengo, foi fundado o Grupo de Regatas do Flamengo. A mansão, antigo abrigo do *Pherusa* e, mais tarde, do *Scyra*, foi apelidada República Paz e Amor

No encontro reuniram-se dezoito rapazes fundadores do grupo, e foi estabelecido que a data oficial comemorativa da fundação do GRF seria o dia 15 de novembro, em homenagem à Proclamação da República, que naquele ano completava apenas seis anos. Decidiram as cores do clube, e Mário Spíndola escolheu o azul, que representava o céu da Guanabara, e o ouro, símbolo das

.

⁸⁹ Joaquim Bahia se salvou nadando até a Ilha do Bom Jesus, onde narrou o ocorrido ao delegado da 18ª Circunscrição, como reportaria três dias depois o Jornal do Commercio, sob a rubrica "Desastres" (09/10/1895).

riquezas do Brasil. Foi idealizada uma bandeira de largas listras horizontais em azul celeste e ouro, com um acréscimo sugerido por Felisberto Laport: duas âncoras vermelhas entrelaçadas sobre um fundo negro, no canto superior, junto ao mastro, à moda da bandeira americana.

Decidiu-se também o uniforme: camisas em ouro e azul, bonés pretos, calças brancas, cinto e sapatos brancos^{.90} A escolha das cores azul e ouro ocorrera provavelmente por preocupações de caráter nacionalista. O nacionalismo republicano do grupo foi marcante no início do Flamengo. Abandonou-se a moda dos nomes dos barcos em francês ou em grego, ou seja, europeizados e supostamente mitológicos, e no batismo das novas embarcações deu-se início a uma flotilha nacionalista. A prática começou com a adoção de *Marília* – pseudônimo de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, a amada de Tomás Antonio Gonzaga e inspiradora de suas liras –, em homenagem à musa da Inconfidência Mineira. A embarcação foi lançada ao mar na festa organizada pelo Clube de Regatas de Icaraí, em 22 de novembro de 1896. Logo depois os barcos passaram a ser batizados com nomes de origem indígena: *Aymoré*, *Iaci* e *Irerê*. A estética clássica européia foi definitivamente abandonada.

É importante notar que o Grupo de Regatas Flamengo já apresentava a cor encarnada no seu pavilhão; as cores iniciais da flâmula eram o azul e o ouro, e havia o quadrado sobre fundo preto na parte superior esquerda, com as ancoras em vermelho. No ano da fundação o Grupo sofreu uma série de derrotas avassaladoras, a ponto de, certa feita, seu barco ter sido rebocado por uma lancha do Botafogo. Como durante muito tempo o Flamengo não passava do terceiro lugar, tornou-se conhecido como o Clube do Bronze. É o Botafogo, seu arquiinimigo e rival na canoagem, o vencedor do maior número de regatas disputadas em 1895 e 1896. 91

Em 1896, deu-se uma das mudanças mais significativas na história do Flamengo: a adoção do rubro e do negro como as cores oficiais do clube. Na literatura consultada, encontramos duas versões para o fato: segundo a primeira, de caráter técnico, a decisão se deu em razão da dificuldade de obter o tecido azul

⁹⁰COUTINHO, E. Zelins , 1990, Apud KOWALSKI, Marizabel, 2003. p. 74.

⁹¹ Gragoatá, Luiz Caldas, Botafogo e Flamengo, cf. O Paiz, Jornal do Commercio e Jornal do Brasil, 1895 e 1896.

e ouro no comércio do Rio de Janeiro. Os tecidos eram importados da Europa, e além do preço muito alto, as cores desbotavam com facilidade, quando expostas ao sol e ao mar durante as competições.

A outra versão sustenta que os jovens diretores consideravam essas cores bem mais aguerridas. Assim, na assembléia de 23 de novembro de 1896, logo depois do primeiro aniversário do clube, resolveu-se que as cores originais seriam substituídas pelo vermelho e preto. Naquela época, a equipe vinha sofrendo uma série de derrotas. A cor amarela (ouro) e a cor azul passaram a ser associadas ao mau agouro. A escolha das cores aguerridas — o vermelho e o preto — pode ter ocorrido pelo fato de estas estarem intimamente associadas ao comportamento de "fibra" e "raça" assumido pelo clube. A cor rubra está presente em vários elementos ligados à guerra. ⁹³

3.3. A Estrela do Botafogo

Em uma análise particular dos elementos gráficos que compõem a identidade visual do Botafogo, podemos inicialmente destacar a sua tão característica estrela. O *Club* de Regatas Botafogo adotou a estrela de cinco pontas, colocada acima das inicias CRB. Símbolo máximo do clube, a triste e melancólica Estrela Solitária está presente em seu escudo e em sua bandeira (Figura 76). A estrela do Botafogo representava a Estrela D'Alva, e foi romanticamente adotada por ter sido a primeira a ser vista no céu pelos remadores, no dia da fundação do clube. ⁹⁴ Na verdade não se trata de uma estrela, mas do Planeta Vênus, que apresenta um brilho resplandecente porque reflete intensamente a luz do sol. O astro só pode ser visualizada ao amanhecer, e essa é a razão do seu nome, estrela da alvorada ou do alvorecer. Em 1919, quando do evento de lançamento da pedra fundamental do Palácio do Mourisco, futura sede

93 CASTRO, Marcos de, MATTA, Fernando Horacio da, PORTO, Luiz Roberto. Flamengo um século de paixão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

⁹² O que equivaleria ao termo "garra".

⁹⁴ AUGUSTO, Sergio. Botafogo: Entre o Céu e o Inferno (C. CAMISA 13). Rio de Janeiro. Editora Ediouro, 1994.

do Clube, as inicias CRB ficavam no interior do escudo, do lado esquerdo do peito; mais tarde foram deslocadas para o centro (Figura 71).



Figura 76 - Equipe de remo do Botafogo: à esquerda, o segundo uniforme listrado; e à direita, o primeiro uniforme preto com a estrela aplicada do lado esquerdo do peito, acima do monograma CRF.

A partir desse ano, todas as embarcações botafoguenses passaram a ter nomes de estrelas e constelações. O Botafogo Football Club e o Club de Regatas Botafogo situavam-se no mesmo bairro e ostentavam ambos as mesmas cores e (Figura 77). Depois da sua fusão, em 1943 (Figura 78), as cores foram conservadas, e a estrela permaneceu como símbolo do Clube.



Figura 77- Escudo e bandeira do Botafogo.



Figura 78 - Caricatura sobre a fusão dos dois times: Botafogo Futebol Clube e Clube de Regatas do Botafogo.

Além dos nomes Estrela D'Alva e Estrela Vespertina, o planeta recebe diversas designações populares: Estrela Guia, Estrela do Pastor, e Boieira, entre outras. A denominação Vênus provém da mitologia romana. Refere-se à deusa do amor e da beleza. Os gregos a chamavam de Afrodite. Os antigos imaginavam tratar-se de dois astros: Lúcifer, a estrela da manhã, e Vésper, a estrela da tarde. Em latim, Lúcifer significa "o que leva a luz", e apenas na tradução cristã este nome é associado ao mal.

Não podemos deixar de mencionar outro aspecto: para os cristãos, foi uma "estrela" que serviu de guia para os Reis Magos, quando estes se dirigiam ao local onde nasceu Jesus. As estrelas também estão associados à marinharia: à noite, constituem segura indicação da rota para quem conduz uma embarcação de volta ao continente. Esses dois aspectos devem ter sido considerados na fantasia dos homens quando estes resolveram incluir a estrela nos escudos de seus times, esperando uma chegada tranqüila ao porto espiritual ou material. O próprio hino

٠

⁹⁵ http://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/jun2001/unihoje_ju163pag11.html

do Botafogo Futebol e Regatas faz alusão a esse simbolismo, quando na última estrofe proclama que a luz da estrela solitária o conduz à vitória.

Segundo Armando Nogueira, a estrela é uma entidade divina. Feliz a criatura que a tem por guia e emblema. Feliz o clube que tem por escudo uma invenção de Deus. É por esse motivo que o Botafogo está sempre no caminho certo. O caminho da luz

A estrela personifica a cultura do Botafogo, construído em torno da noção de superstição, da imagem de clube intelectual, e da condição de sofredor. Cabe ressaltar que essa conotação de tragédia já se manifestou pouco antes da fundação da associação. Um dos fundadores do grupo, Luis Caldas, vulgo Almirante, era dissidente do Clube de Regatas Guanabarense, fundado em 1874. Caldas abandonara o clube em 1891, insatisfeito com a sobrevalorização das apostas no remo, contrárias aos valores do desporto, e se juntara a outros exintegrantes para criar o Grupo de Regatas Botafogo, na praia de mesmo nome. Entretanto foi preso em 1893, na revolta da armada, e veio a falecer oito dias antes da fundação do clube. A reação dos sócios do Grupo de Regatas Botafogo foi uma dramática e nobre resposta ao desaparecimento do seu líder: reuniram-se para formalizar o Club de Regatas Botafogo, em 1 de Julho de 1894 (Figura 79).

Podemos entender que o caráter aberto e polissêmico da imagem possibilita a simbolização dos valores e crenças do clube. Em seu rico depoimento sobre a estrela botafoguense, Sergio Augusto, autor do livro "Botafogo - Entre o Céu e o inferno", desvenda algumas características marcantes da cultura botafoguense. O símbolo de uma estrela solitária é poético; sua solidão é intelectualizada, expressa a complexa cultura dialética e bipolar do clube, oscilante entre altos e baixos, vitórias e derrotas, autêntico culto ao torcedor sofredor que, como ressalta o subtítulo do livro, reside entre o céu e o inferno.

Para Sérgio Augusto, a estrela Alvinegra⁹⁶ é interpretada como símbolo dos aspectos dialéticos dos torcedores alvinegros.

Guiados por uma estrela e pelo fogo que Prometeu roubou do céu e Lúcifer levou para o inferno, nós, botafoguenses, somos bons e maus, cerebrais e

_

⁹⁶ AUGUSTO, Sérgio. op.cit. p. 22.

supersticiosos, racionais e passionais, eufóricos e deprimidos, fanáticos e 'blasés', apolíneos e dionisíacos. O Botafogo não é preto nem branco: é preto e branco, e branco e preto.

A fama do Botafogo como times de intelectuais, segundo o autor, devese, em parte, ao fato de que ao longo do tempo muitos jogadores da equipe tinham curso superior completo, como os médicos Carvalho Leite, Álvaro Lopes Cançado (Nariz), Afonsinho, o advogado Heleno de Freitas, o engenheiro Luiz Menezes, e o arquiteto Otavio de Morais.

O Glorioso, em 1916, participou de determinado evento festivo, um jogo quadrangular que reunia os quatro clubes mais importantes do Rio, com equipe composta de veteranos e alguns dirigentes. Cada clube foi batizado com um codinome: Fluminense, o hipotético; Flamengo, os aquáticos; Botafogo, o campeão do torneio, os teóricos – designação associada ao nível acadêmico do grêmio, o que vem corroborar o argumento do autor.



Figura 80 – Botafogo Futebol Clube, o glorioso em 1906.

O Pato Donald, mascote do clube, idealizado pelo argentino Mollas na década de 40, tornou-se símbolo do clube. O personagem, oriundo das revistas em quadrinhos, é um tipo contestador e brigão, que reivindica os seus direitos. Podemos lembrar que Afonsinho, jogador do Botafogo, foi o primeiro jogador que lutou pelos direitos da classe, ao propor o passe livre (Figura 81).





Figura 81 – Pato Donald do Botafogo nos anos 40 desenhado por Mollas; e o personagem de Walt Disney.

A segunda e mais marcante característica da cultura do Botafogo está associada à superstição. Reportagem publicada na edição de dezembro da revista argentina El Grafico, incluía o Botafogo na lista dos 13 clubes mais azarados do futebol mundial. O Alvinegro, que faz jus à frase "há coisas que só acontecem com o Botafogo", só perde para o Torino (ITA), o Racing (ARG), o Genoa (ITA), o Atlas (MEX) e o Feyenoord (HOL).

A reportagem destaca o fato de que o Botafogo figura como o 12º na lista dos maiores clubes do século, divulgada pela Fifa. O clube foi base da Seleção Brasileira por muitos anos, abrigou craques como Garrincha e Nilton Santos, mas "jamais conseguiu traduzir seu reinado em nível local, perdeu seu estádio por falta de pagamento, e quando o recuperou, a sede havia sido demolida".

O texto lembra ainda que o clube amargou um jejum de 31 anos sem títulos, quando na verdade foram 21 anos (entre os Campeonatos Cariocas de 1968 e 1989), e rememora a traumática derrota para o River Plate, por 4 a 2, pela Sul-Americana-2007: "A incrível eliminação foi só mais uma de uma série feitos azarados, que incluem o rebaixamento em 2002" ⁹⁷. Vale ressaltar que a matéria foi veementemente contestada pelo jornalista Roberto Porto em seu *blog*, no qual se dava destaque à interpretação tendenciosa da imprensa Argentina – motivada em especial pela conhecida rivalidade –, e se apontava uma série de distorções,

que negligenciavam, à sua conveniência, algumas ocorrências favoráveis ao Botafogo. Contudo a percepção coletiva do Botafogo como um time azarado encontra sabidamente adeptos por todo território nacional.

Provavelmente, dentre todos os clubes brasileiros, o Botafogo é o clube com a mais rica mitologia; possui ícones próprios, manias, superstições e rituais que fazem parte da história do clube e da sua torcida. São de tal forma numerosas e notáveis as ocorrências que confirmam essa noção, que se torna difícil destacar alguma em especial. O Botafogo é, provavelmente, o clube mais supersticioso do Brasil, quiçá de todo o mundo, especialmente desde o tempo em que Carlito Rocha, seu presidente, lançou mão de todas as superstições com vistas a ser campeão. Seu cachorro, o Biriba, foi mascote do time. Entretanto, ao contrário do Pato Donald, mascote antes idealizada por Mollas, Biriba, ainda que extremamente simpático, não personificava uma figura contestadora que lutava por seus direitos, mas sim um *outsider*, que despertava carinho e um tanto de pena, talvez por sua condição de vira-lata. Mesmo assim, atribuía sorte ao time. Em virtude da identificação do Botafogo com a imagem do Biriba, sua torcida passou a ser reconhecida pelos oponentes, de forma pejorativa, como 'cachorrada'. Posteriormente a própria torcida incorporou o apelido (Figura 82).



Figura 82 – Biriba, mascote do Botafogo, com o seu dono Carlito Rocha.

Seguiram-se torcedores, técnicos e jogadores que endossaram essa cultura. Mas vamos ao ponto que nos interessa: o artefato. No Botafogo, a superstição constitui uma forma importante de legitimação da camisa do time. Veríssimo define o símbolo do Botafogo como "Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão".

No Botafogo, os grandes craques não usam a habitual camisa 10, mas o numero da camisa 7, sinônimo de sorte e honra, materialização dos dribles geniais de Garrincha que marcaram os meados da década de 1950 até meados da década de 1960. O Museu Internacional do Futebol legitimou a gloriosa camisa 7, única camisa brasileira exposta em seu acervo. As bandeiras da torcida do Botafogo também reverenciam o jogador, que tantas vitórias trouxe para o time, juntamente com outros importante craques do passado.

3.4. As cores do Botafogo

As cores preto e branco expressam esse dualismo rico em simbolismos – bem e mal, dia e noite, luz e treva, sol e lua, razão e instinto, alegria e luto, pureza e vicio. Como lembra Sérgio Augusto⁹⁸, o Botafogo não é preto, nem branco, é branco e preto. O autor aponta outra peculiaridade, relacionada à vestimenta: o time foi o primeiro a adaptar listras verticais pretas e brancas ao uniforme. A observação em parte procede, mas na realidade a maioria das agremiações esportivas fundadas no final do século XIX utilizava essas cores no seu uniforme. Podemos atribuir essa iniciativa à mentalidade da época, ligada a ideologias higienistas.

No início do futebol no Rio de Janeiro, as primeiras cores utilizadas na representação gráfica dos clubes foram o preto e branco. Cores consideradas higiênicas, morais. Semelhante sistema de valores se dá por influência da herança protestante européia, que atribuía à cor escura a austeridade necessária para cobrir e esconder o corpo, quando exposto ao exterior. Já o branco era suficientemente puro e limpo para tocar diretamente a pele.

⁹⁸ AUGUSTO, Sergio. Botafogo: Entre o Céu e o Inferno (C.CAMISA 13). Rio de Janeiro. Editora Ediouro, 1994.

O texto de Adrian Forty intitulado *Higiene e Limpeza* permite algumas reflexões sobre a obsessão por limpeza, bem como sobre a articulação entre a cor branca, presente no design dos objetos, e a sociedade. No livro, o tema é tratado levando em conta o contexto histórico em que o artefato foi produzido; porém o uso do "contexto histórico", segundo ressalva o próprio autor, não se restringe apenas a ornamentos, como se objetos tivessem uma existência autônoma, na qual tudo, exceto a estética, é desconsiderado.

No capítulo Higiene e Limpeza, Forty relata o surgimento de um modelo de geladeira, o "Coldspot", produzido em 1935 a partir de um projeto do designer Raymond Loewy. Tratava-se de uma geladeira com revestimento de aço estampado sem emendas, a qual oferecia a eficiência de outros refrigeradores e, ao mesmo tempo, transmitia a imagem de higiene absoluta. O produto correspondia à expectativa do mercado nos Estados-Unidos, que propagava suas propriedades saudáveis, higiênicas e de melhoria de vida. O modelo comercializado anteriormente, o "Leonard", consistia em uma caixa de madeira envernizada; embora fosse muito eficiente, não corroborava a informação fornecida pelo fabricante, segundo a qual o produto "oferecia higiene". Em oposição o "Coldspot" apresentava o exterior sem emendas, os cantos arredondados, a cor branca brilhante, e a ausência de reentrâncias e frisos que acumulassem poeira. Tratava-se da própria corporificação da saúde e da pureza.

No final do século XIX e início do século XX podem-se observar indícios de que as pessoas na Europa e na América começavam a achar a sujeira mais alarmante e se mostravam cada vez mais ansiosas com relação à limpeza.

A partir do fim do século XIX, ocorreram algumas mudanças, como a difusão dos banheiros e a substituição de marrons e vermelhos por branco na decoração de interiores. Esses fatos aparentemente refletiam o desejo de mais limpeza em casa, mas não se pode de forma objetiva afirmar que a vida fosse mais limpa.

A limpeza como critério de beleza constitui fenômeno de origem cultural. O processo pelo qual as sociedades estabeleceram critérios de limpeza exige uma investigação histórica e antropológica. Algumas interpretações para o porquê de a limpeza ter adquirido tamanha importância ao início do século XX são apresentadas pela antropóloga Mary Douglas⁹⁹, em seu livro *Purity and Danger*.

A autora afirma que "as ansiedades sobre poluição surgem quando as fronteiras externas de uma sociedade, ou quando as linhas que definem as relações internas numa cultura são ameaçadas ou ainda quando surgem perigos das contradições internas à moralidade da cultura". Pode-se supor, a partir dessa teoria, que as rápidas mudanças sociais e a desintegração das fronteiras sociais, conseqüências do aumento político das classes operárias, justificavam a preocupação da classe média com a higiene do corpo, do lar e das casas públicas, nas primeiras décadas do século XX. O fetiche da limpeza poderia ter oferecido à classe média um meio de resistir à convulsão social, proporcionando-lhe alguma segurança psicológica.

Outro fato importante para se entender a importância da limpeza são as medidas assumidas em quase toda a Europa e a América para melhorar os hábitos de higiene, a partir da década de 1890. A Reforma Higienista surge com base na pressão exercida pela classe média, na figura de profissionais liberais e reformistas sociais. Esses reformistas estabeleceram que a higiene e a saúde residiam na origem de todos os problemas sociais. Uma das estratégias utilizadas na campanha Higienista era a difusão formal desses conceitos nas escolas. Do ponto de vista da ciência médica o objetivo inicial da melhoria dos padrões de higiene era reduzir o número de mortes por doenças infecciosas. Na metade do século XIX, a ocorrência dessas moléstias era explicada pela teoria dos miasmas. Estes eram atribuídos a um processo de combustão espontânea que ocorreria no ar poluído estagnado. A teoria foi superada, por volta de 1890, pelas descobertas de Louis Pasteur e Joseph Lister, que estabeleceram as bases da teoria microbiana.

A reforma higienista utilizava dois conjuntos de argumentos em sua campanha pela melhoria dos padrões de limpeza. O primeiro, racional, baseava-se em fatos aprovados sobre doenças e bactérias. O segundo, emocional, estimulava sentimentos de ansiedade e culpa em relação à sujeira. Verificou-se então que os argumentos de base emocional eram mais eficazes, porque aqueles baseados na lógica científica entravam em choque com preconceitos de classe. Entretanto, no

.

⁹⁹ DOUGLAS, Mary,1995 apud. FORTY, Adrian, 2002. p. 247.

que se refere à eficácia, nenhum dos argumentos superava o dos designers, como meio de implantar a noção da importância da limpeza.

O público em geral só assimilou plenamente as lições higienistas quando anunciantes, designers e fabricantes passaram a usar amplamente imagens de higiene para oferecer seus produtos. Dentre estes, podemos citar os módulos e utensílios para casas e hospitais, com destaque para os banheiros e para a invenção (ou inversão) dos aspiradores de pó. Até mesmo o vestuário sofreu mudanças: na década de 1920: os conceitos de vestuário higiênico influenciaram grandemente as roupas femininas. Pode-se constatar que, de uma forma ou de outra, tais inovações passaram a estar presentes no cotidiano das pessoas, a partir do início do século XX, obedecendo aos princípios de design saudável.

A estética da limpeza tornou-se norma para o design esportivo de maneira geral. Os esportes seguiam norteados pelos princípios higienistas, e as listras esportivas, como observamos anteriormente, expressavam também essa fobia por limpeza, característica social da época. O Botafogo e o Vasco desde a sua criação trajavam-se do salubre branco e do austero preto. O primeiro, aliás, se autodenomina o Alvinegro, defendendo estas cores desde que foi criado como clube de regatas. O estilo da camisa preto e branco do Botafogo foi inspirado no Ideal, time anteriormente fundado pelo segundo vice-presidente, Itamar Tavares. Por sua vez, as cores do Ideal foram legitimadas pelo Juventus, time do qual Tavares fora torcedor durante sua permanência na Itália.

3.5. A Cruz – Símbolo do Vasco

Os associados do *Club* de Regatas Vasco da Gama, devotos do esporte náutico, homenagearam o navegador português, batizando assim a agremiação com o seu nome, uma vez que naquele ano comemorava-se o IV Centenário da descoberta do caminho marítimo para as Índias, em expedição chefiada pelo explorador lusitano. A iconografia do clube certamente demonstra a filiação dos integrantes ao seu país de origem, Portugal. A associação é considerada um clube tradicional de imigrantes portugueses.

A maioria dos participantes do Clube eram pequenos comerciantes, quase

sempre portugueses, que provavelmente escolheram para simbolizá-los a caravela do Vasco da Gama e a cruz, não só pelo fato de estes elementos representarem uma filiação ao território e à cultura de origem, mas possivelmente também por ser a caravela um símbolo associado ao mar. Se de um lado, a estrela do Botafogo estava afinada com os movimentos políticos republicanos da época, de outro, o *Club* de Regatas Vasco da Gama, time da colônia portuguesa, era simbolizado pela cruz da Ordem de Cristo de Portugal, simbologia mais conservadora, ligada ao estado absolutista colonizador.

Há também, como analisamos no capítulo 1, uma dimensão religiosa presente no símbolo do Vasco, relacionando-o ao "sagrado". Pode-se observar esse aspecto na cruz que representa o Clube de Regatas do Vasco da Gama. Esse símbolo, erroneamente chamado de Cruz Malta, remonta à Idade Média, quando a Ordem de Jesus Cristo em Portugal adotou a similar francesa que representava a Ordem dos Templários. Os cavaleiros da Ordem utilizavam bandeiras com essa cruz nas batalhas em que lutavam em defesa do cristianismo. O navegador Vasco da Gama incluía-se entre esses cavaleiros. O clube de Regatas Vasco da Gama guarda remota conexão com a confraria dos monges-guerreiros, cuja cruz atravessou séculos e oceanos até chegar à sede do clube, na zona portuária de São Cristóvão, passando a simbolizar a agremiação aquática de remo. O símbolo do Vasco, portanto, apresenta dois aspectos recorrentes no futebol: a guerra e o sagrado..

Os Templários foram um associação iniciática, formada em Jerusalém após a primeira Cruzada, e legitimada pelo Papa em 1180. Todavia, em 1307, o rei da França, Felipe o Belo, ordenou a prisão de todos os Templários, acusados de práticas hereges. Na verdade, ao rei interessava confiscar-lhes os bens, pois a Coroa era devedora de grande soma de dinheiro. Os Templários sobreviventes fugiram para Portugal, sob a proteção do rei D. Diniz. Este último, através de acordos diplomáticos, criou nova agremiação religiosa denominada a Ordem de Cristo – na verdade nada mais era que a mesma ordem dos Templários, com outra denominação. 100

A verdadeira Cruz de Malta - Cruz Patéa, ou Cruz de São João -

¹⁰⁰ www.constelar.com.br

também pertence às Cruzadas, mas apresenta oito pontas. A ilha de Malta (localizada em um arquipélago na parte central do mar Mediterrâneo), governada pelos cavaleiros da ordem de São João durante as Cruzadas, faz uso em grande escala desse símbolo na arquitetura da cidade, em estabelecimentos comerciais, na liga nacional de rúgbi e na seleção nacional de futebol, todos o empregam em seus escudos (Figura 83). A heráldica portuguesa também o utiliza amplamente, em particular na numismática oficial do Estado. Esse fato deve ter contribuído também para a confusão entre as duas cruzes, além das características da imagem, citadas no primeiro capítulo.





Figura 83 – A Cruz de Malta presente no escudo da seleção nacional de futebol e no escudo da liga nacional de rúgbi da Ilha de Malta

Além dessa característica que demonstra a filiação do Vasco a terras lusas, a agremiação foi o primeiro clube campeão a introduzir jogadores negros em seu *staff*, como atesta o livro de Mario Filho, *O Negro e o Futebol Brasileiro* – o que apresenta peculiar característica transgressora, se considerarmos o perfil aparentemente conservador do clube, composto basicamente de "colonizadores". Claudio Nogueira identifica de forma enfática, em seu livro *Futebol Brasil Memória*, duas fases distintas na história do futebol carioca. O antes e o depois da ascensão à primeira divisão de um clube composto por negros, mulatos e brancos, e identificado com a colônia portuguesa.

O Vasco foi fundado, em 21 de agosto de 1898, como associação destinada ao remo. Os quatro fundadores, pertencentes à colônia portuguesa, Henrique Monteiro, Luis Rodrigues, Jose Alexandre Rodrigues e Manoel Teixeira de Sousa Junior, reuniram-se nessa data à Rua Teófilo Otoni 80, no centro da cidade, no objetivo de fundar um clube carioca para a prática de seu esporte favorito. Até então para o exercício do remo, os esportistas viam-se obrigados a atravessar de barca a Baía da Guanabara até o Clube de Regatas Gragoatá, em Niterói.

A escolha final do nome Vasco da Gama, que oscilara entre Santa Cruz e Pedro Álvares Cabral, foi referendada em homenagem ao quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para as Índias, em 1498, pelo navegador português. Em 1915, quando até então o clube se dedicara somente ao remo e ao tiro, o Vasco, que tinha a mentalidade de unir portugueses e brasileiros, assumiu o departamento de futebol do Lusitânia. No ano seguinte o time estreava na terceira divisão, goleado por 10 x 1 pelo extinto Paladino. Sua entrada na primeira divisão é eventualmente associada à implementação de diversas práticas, hoje consolidadas no futebol. O Vasco é reconhecido por seu particular regime de treinamento, que inclui cuidados nutricionais e toques de recolher para o devido descanso. A introdução do pré-profissionalismo pode ser interpretada a partir da prática do pagamento do "bicho", considerando-se ainda que os jogadores recebiam gratificações e oficialmente eram funcionários de estabelecimentos portugueses.

A conquista do campeonato pela Liga Metropolitana de Desportos terrestres, em 1923, acabou marcando significativamente a história do clube, por ser a primeira vitória com integrantes afro-descendentes num time campeão. Em depoimento contido no livro *Futebol Brasil Memória*, Rui Proença, português de nascimento e radicado no Rio, identifica o fato como uma verdadeira revolução, enfatizando os preconceitos e dificuldades inicialmente encontrados pelo Vasco, associando-os ao fato de o Flamengo, o Fluminense e o Botafogo não permitirem a entrada de negros em seus clubes. O autor conclui que o clube representaria o congraçamento entre negros e portugueses, grupos discriminados que, unidos, fizeram o Vasco.

O Vasco da Gama, que apesar de mestiço era chamado de time dos portugueses, entrava em campo usando uma camisa preta com a Cruz de Cristo em vermelho no peito. Por proposta de um de fundadores, José Lopes de Freitas, o clube jamais mudaria as suas cores – preto, branco e vermelho –, presentes na cruz das embarcações portuguesas. O preto e o branco representariam a idéia de que podiam competir pelo clube pessoas de todas as raças e origens sociais, portugueses e brasileiros, em igualdade e sem discriminação.

Na época não existia a faixa diagonal em branco (surgida apenas ao final dos anos 1930). O Vasco era o time das camisas pretas (Figura 84).



Figura 84 - Camisa preta do Vasco, ao centro, 1916

A narrativa do Vasco em relação às cores parece se encaixar perfeitamente na ideologia do Clube; representaria o embrião de idéias a favor da comunhão de etnias, as quais coexistiam dentro do Clube desde a sua origem. Sabemos que no futebol muitas dessas histórias são inventadas, e as fontes não costumam se mostrar absolutamente precisas. Mas o que importa neste ponto é a forma pela qual tais valores foram tomados como verdade pelo clube.

Outra possível interpretação para a adoção da cor preta na identidade visual do clube por ocasião de sua fundação diz respeito à moral das cores utilizadas nos artefatos e trajes de vestir do final do século XIX e início do século XX. Na nova moral da cor, o preto simbolizava os valores protestantes que vieram a se tornar valores do capitalismo nascente depois da Revolução Industrial, chamados de valores burgueses pela sociedade industrial. No Rio de Janeiro, muitos times de futebol no início do século, também reproduziam esse modelo cromático.

Considerando a perspectiva apresentada para o desenvolvimento deste capítulo, Forty sustenta a idéia de que os produtos industriais refletem as culturas ocidentais modernas e trazem em si ideologias interpretadas a partir de uma perspectiva histórica e social. O autor apresenta novo e definitivo argumento para desmontar a definição do design como um processo baseado na criatividade e no controle de materiais por parte do designer, isto é, a noção de que a essência do design se limita às razões de natureza técnica e estética.

Sobre a característica cromática dos uniformes dessa época, Pastoureau¹⁰¹ apresenta o seguinte comentário:

¹⁰¹ PASTOREAU, Michael, Dicionário das cores do nosso tempo: Simbólica e sociedade, Lisboa. Editorial Estampa, 1993. p. 143.

A história emblemática e cromática destes códigos têxteis seria, no entanto, rica em ensinamentos. Como todos os desportistas do final do século XIX e do início do século XX, os jogadores de futebol começaram por se vestir de preto, depois de branco, e por fim de preto e branco. As cores propriamente ditas - na cultural ocidental moderna e contemporânea, ganhou o hábito de opor o mundo preto e branco ao das cores [...].

De acordo com Pastoureau¹⁰², a iconoclastia da Reforma Protestante seria mais conhecida do que a sua cromoclastia; no entanto, a guerra às cores ou, pelo menos, a certas cores sempre constituiu importante dimensão na nova moral cristã instituída por Lutero, Calvino e seus seguidores, que cultuavam, no vestuário, o eixo preto-cinzento-branco; o azul por vezes era aceito. A ética do preto e do escuro, a cor digna e moral, persiste até os dias de hoje nos países protestantes. Harvey¹⁰³, em seu livro Man In Black, levanta o seguinte questionamento: "Por que os homens de negócio vão trabalhar de preto como se fossem para um funeral?" Essa cor, que anteriormente na sociedade ocidental era a cor da perda e da culpa, foi adotada pelos homens de negócio como marca de alta posição social e financeira. Segundo Harvey, há uma relação entre o pensamento social e a roupa, a qual vem externar o lado sombrio da motivação humana, uma espécie de mistério a ser destrinchado. Certamente as roupas do esporte captaram com primazia os valores burgueses emergentes na época. De acordo com Pastoureau, até a Segunda Guerra a maioria dos times esportivos da Europa empregava o preto no uniforme; o Vasco confirmou essa tendência em sua camisa negra.

O primeiro escudo do Vasco foi criado em 1903; era redondo, e também utilizava principalmente o preto e o branco; a cor vermelha era aplicada apenas na cruz ostentada na caravela, sem a faixa diagonal presente hoje. Em 1920, o escudo foi modificado e ganhou o formato atual, com a faixa diagonal branca. Na década de 80, foi lançada nova versão do escudo, com formas mais arredondadas (Figura 85).

¹⁰² PASTOUREAU, op. cit., p. 143.

¹⁰³ HARVEY, John. Men in black. University of Chicago Press: Chicago, 1995.







Figura 85 – linha do tempo dos escudos do Vasco

A primeira camisa do Vasco, ainda na época do remo, era parecida com a atual: preta, com uma faixa diagonal branca e a Cruz de Malta no centro. No entanto, a faixa diagonal partia do ombro direito, ao contrário do que acontece hoje. Por influência do Lusitânia (clube que se fundiu com o Vasco em 1915, dando início ao seu Departamento de Futebol), a primeira camisa do futebol era preta, com gola e punhos brancos, sem a faixa diagonal. Porém a Cruz de Malta havia sido deslocada para o lado esquerdo do peito, junto ao coração. Nos anos 30, o uniforme principal do futebol foi modificado: a faixa diagonal branca reapareceu, desta vez partindo do ombro esquerdo. A Cruz de Malta continuou no mesmo lugar. Em 1945, por sugestão do treinador Ondino Viera (inspirado na camisa do River Plate), o Vasco adotou como uniforme número 2 a camisa branca, com a faixa diagonal preta. A última grande modificação na camisa foi feita em 1988, com a supressão da faixa nas costas. A partir daí foram processadas apenas pequenas alterações, de acordo com as mudanças dos fornecedores de material esportivo e dos patrocinadores. As cores centenárias se mantêm desde a época da fundação, e não foram mudadas, ao contrário das camisas comemorativas do Fluminense.

3.6. CR Flamengo – O Rubro - Negro.

O Clube de Regatas do Flamengo trajava camisa amarela, de manga comprida – a única encontrada no mercado. A partir da segunda regata seriam usadas as camisas nas cores azul e ouro. Mas as sucessivas derrotas fizeram com que estas últimas cores fossem associadas ao mau agouro, e surgiu novo uniforme, com listras horizontais vermelhas e pretas, o emblema estampado do lado

esquerdo do peito, e as iniciais GRF (Grupo de Regatas do Flamengo). Tratava-se de um modelo de blusa de regata, termo ainda adotado para designar camisas sem mangas (Figura 86).



Figura 86 - Equipe do Remo do Flamengo à época da sua fundação.

Inicialmente o futebol do Flamengo não se apropriou das listras do remo; os remadores proibiram o seu uso, porque o futebol era considerado um esporte para moças¹⁰⁴. A primeira camisa da agremiação ostentava grandes quadrados azuis e pretos, e ganhou o apelido de "papagaio de vintém", por se assemelhar a uma pipa de empinar que se comprava por qualquer vintém – a menor fração dos mil-réis encontrada em forma de moeda. Esses quadrados se assemelhavam à roupa de um bufão, coringa, ou bobo da corte, figura jocosa e marginalizada do século XVIII.

O mesmo tipo de estampa é observado no turfe, esporte anterior ao remo e ligado a valores aristocráticos de uma sociedade agrária. Há recorrência das estampas de círculos sobre fundo azul, no quadro a óleo de Oscar Pereira da Silva, que representa o jóquei montado no cavalo Cyaxari, o animal mais popular do seu

¹⁰⁴ De acordo com o site Fla-estatística, www.flaestatistica.com/historia01.htm, baseado no livro de Arturo Vaz e Celso Jr, Acima de tudo Rubro Negro, Paju editora, o futebol era considerado "...um jogo onde onze jogadores corriam para cada lado e davam pulinhos no meio de um campo. Alguns chegavam a dizer que pareciam bailarinas.... ". Para os esportistas, o remo era o esporte ideal para desenvolver os músculos e deixá-los à mostra. É importante ressaltar que a ressalva a respeito do uso das listras no uniforme não é hegemônica em todas as fontes consultadas, mas cabe um aprofundamento em futuros trabalhos. O site oficial do Flamengo, por exemplo, cita o fato de que o Futebol era malvisto pelo remo, mas não expõe as razões. Disponível em www.flamengo.com.br. Acesso 15/10/2007.

tempo. 105. Inserir as fotos Se analisarmos o uniforme do turfe contemporâneo, observaremos estruturas gráficas que se repetem nas mais variadas e divertidas formas. São enormes estrelas, círculos e listras em tecidos brilhantes, similares a um traje à fantasia. Fotos?

Nesse caso, a observação de Pastoureau segundo a qual o esportista seria o histrião do tempo moderno 106, vem corroborar a análise do design do turfe. Muito ao contrário do futebol, que não apresenta o caráter histriônico tão bem expresso nessas estampas.

O Flamengo não foi campeão carioca em 1912 e 1913, após a adoção da camisa 'papagaio—vintém'. Ainda era um time inexperiente, mas a torcida exigia vitória. Como relata Rui Castro, a solução foi mudar a camisa associada à derrota. A culpa era naturalmente da falta de estrutura do time, que nem sequer tinha campo para treinar; mas enquanto esses problemas não eram resolvidos, trocou-se o fardamento. Novamente a superstição torna-se fator de legitimação do uniforme. Na camisa dessa vez saíram os quadrados e voltaram as listras vermelhas e pretas — entre as quais, porém, se intercalava uma listra branca, ainda para diferenciá-la do uniforme dos remadores. A blusa foi apelidada de 'cobra-coral' porque se assemelhava ao couro deste ofídio. Era comprida, muito justa, e com listras finas. Com o novo modelo o Flamengo foi vitorioso no campeonato carioca de 1914, e bicampeão invicto em 1915. A camisa vitoriosa foi mudada em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, porque lembrava a bandeira do país inimigo, a Alemanha. Mais tarde o Flamengo unificou a camisa com a do remo, e manteve as cores e as listras até hoje.

Mas é importante notar que as mudanças gráficas ocorridas no uniforme do Flamengo legitimaram neste suporte as listras que há mais de cem anos constituem marcas do time. O Flamengo, com seu costume de apelidar as camisas dos uniformes, conferiu à atual camisa uma dimensão sagrada: "O Manto Sagrado". Conforme apresentado anteriormente, pode se entender que a mística da camisa transmitiu poder à identidade visual do time, e se perpetuou no padrão

¹⁰⁵ In Jockey Club Brasileiro 130 anos- Rio de Janeiro Um Século e Meio de Turfe 1998. Rio de Janeiro, p. 189.

¹⁰⁶ PASTOUREAU, op. cit, p. 106.

gráfico do clube ainda por muito tempo. Mística que atribui à camisa uma transcendência divina, e lhe confere inigualável poder.

A iconografia das agremiações costuma traduzir uma espécie de batalha simbólica, na qual se demonstram sentimentos intensos, como a paixão pelo clube. Tais sentimentos devem ter determinado a mudança das cores representativas do Clube de Regatas do Flamengo, na assembléia dos associados em 1896.

Naquela época a equipe de remo vinha sofrendo uma série de derrotas, e as cores amarelo e azul passaram a ser associadas ao mau agouro. Pode-se interpretar que a escolha das cores aguerridas, o vermelho e o preto, esteja intimamente ligada ao comportamento de fibra e raça assumido pelo clube. A cor rubra está presente em vários elementos ligados à guerra.

A partir da análise relativa à identificação das cores dos outros times cariocas, com base nos estudos de Adrian Forty¹⁰⁷, e analogamente aos elementos apresentados na composição da identidade visual rubro-negra, podemos entender que os aspectos culturais estão fortemente identificados, nas escolhas e consolidação das suas cores.

Particularmente com relação à cor vermelha, considera-se oportuna a análise de um curioso estudo em que se destaca o vermelho como cor mais "vitoriosa". De acordo com o jornalista Ricardo Bonalume Neto, um estudo realizado por pesquisadores britânicos mostrou que times ou esportistas individuais masculinos que usam uniformes vermelhos têm mais chances de vencer. Na matéria, o autor destaca a afirmativa dos cientistas Russell Hill e Robert Barton, da Universidade de Durham, no Reino Unido: "Aves, como os galos ou os mandarins mostram dominância com a cor vermelha, assim como peixes como o esgana-gata", declara Barton. Para testar se algo parecido aconteceria na espécie humana, os pesquisadores checaram o resultado de competições esportivas nas quais a cor poderia de algum modo influenciar o resultado. Foram pesquisados dados sobre quatro eventos da Olimpíada de 2004: boxe, luta greco-romana, luta livre e *taekwondo*. Nessas competições, os lutadores recebiam aleatoriamente roupas ou protetores corporais, vermelhos ou azuis. Se a

cor não influenciasse, relatam os autores da nota publicada na edição de hoje da revista "Nature", não haveria diferença estatística importante nos resultados. Porém os cientistas afirmam ter conseguido encontrar um padrão, segundo o qual os lutadores que usaram vermelho venceram 16 vezes em 21 *rounds* de luta, e 19 vezes em 29 categorias de peso do lutador. Contudo não podemos afirmar que a cor define comportamento e ação, ou que a cultura está condicionada à percepção. 108

3.6.1. O Vermelho

A cor rubra é também recorrente no esporte. O vermelho se destaca como cor predominante nos times com as maiores torcidas do Brasil. Mais da metade dos torcedores brasileiros ostenta essa cor na camisa dos seus clubes. Só o Flamengo, clube rubro-negro que aglutina a maior torcida, soma 33 milhões de torcedores. Essa consideração se torna mais curiosa na medida em que o maior percentual de times citados na entrevista não apresenta a cor rubra em sua composição. Novamente tal observação não apresenta consistência suficiente para ser julgada de forma absoluta, e nem temos essa pretensão, considerando obviamente os outros elementos culturais e históricos de influência na adesão de torcedores a determinada agremiação. Contudo, a associação da cor vermelha com o sentimento de paixão coincide com os dados da pesquisa acima referida.

O vermelho é uma cor por excelência, seria quase pleonasmo chamá-lo de cor. O encarnado é arquétipo; em muitas línguas (como o russo) é por vezes sinônimo de bonito, podendo ser também associado a riqueza, perigo, proibição, punição, erotismo, etc. Trata-se da cor mais conotativa dentre todas. Seu simbolismo, em quase todas as civilizações, está relacionado ao fogo e ao sangue. Na Idade Média, o vermelho era também símbolo de poder¹¹⁰.

¹⁰⁷ FORTY, Adrian. Objetos de desejo - Design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

¹⁰⁸ http://www.nature.com/nature/journal/v435/n7040/full/435293a.html. Acesso 10/06 /2007.

¹⁰⁹ Pesquisa IBOPE, 2004.

¹¹⁰ PASTOUREAU, Michael. Dicionário das cores do nosso tempo: Simbólica e sociedade. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 162.

Podemos considerar o vermelho tanto por um lado positivo quanto por um negativo. Na cultura cristã, o vermelho litúrgico é santo, salva e purifica: o Salvador derramou o Seu sangue para a redenção dos homens. É a cor que representa o fogo da vida do Pentecoste e do Espírito Santo. De outro lado, o caráter negativo do sangue está associado à impureza, à violência, e a todos os aspectos pecaminosos da Bíblia. Retrata a cabeleira de Judas e as chamas do inferno. É o vermelho do crime, da cólera e da guerra. Simboliza também os ideais revolucionários. Até o século XIX, muitos uniformes militares são vermelhos.¹¹¹

Para além da esfera da guerra e da religião, o vermelho no futebol também expressa emoção. A cor, nesse sentido, é imaterial. Essa relação entre vermelho e paixão torna-se bastante explícita no esporte. O Sport Club Internacional, o Colorado, se autodenomina 'o time da paixão'. Outro time que estabelece essa associação é o Rubro-Negro carioca, que expressa tal sentimento em seu hino da vitória: "... tu és time de tradição, raça, amor e paixão, ó meu Mengo... eu sempre te amarei, onde estiver, estarei, ó meu Mengo...".

De acordo com várias obras, como o livro do Centenário do Flamengo¹¹³, e os livros de Coutinho¹¹⁴ e de Alencar¹¹⁵, o time já nasceu com garra e espírito vencedor. Como a representação da "garra" é por demais abstrata, e seria difícil produzir uma alegoria que a representasse, a narrativa mítica dessas virtudes foi expressa através de suas cores.

3.6.2. Flamengo: Primeiras Competições, Vitórias e Mudanças

Como citamos anteriormente, antes um pouco, em 23 de novembro de 1896, ocorrera uma das mudanças mais significativas na história do Flamengo: a

¹¹¹ PASTOUREAU, Michael, op. cit., p. 160.

¹¹² Pergunto-me se a cor às vezes não seria a materialização de um sentimento e um dos fatores aglutinadores de torcidas.

¹¹³ CASTRO, Marcos de, MATTA, Fernando Horacio da, PORTO, Luiz Roberto. Flamengo um século de paixão . 1ª edição. Francisco Alves. RJ, 1995.

¹¹⁴ COUTINHO, E. Zelins. Grandes clubes e seus maiores ídolos. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990.

¹¹⁵ ALENCAR. Flamengo alegria do povo. Rio de Janeiro: Conquista, 1970.

adoção das cores rubro-negras. Segundo Rui Castro¹¹⁶, tratou-se de uma opção técnica em virtude do fato de que as cores azul e ouro desbotavam com facilidade quando expostas ao sol e ao mar nas competições do remo.

De acordo com o livro *Flamengo – Um Século de Paixão*^{117,} os jovens diretores julgavam que o rubro e o negro eram cores mais aguerridas. E na assembléia de 23 de novembro de 1896, logo depois do primeiro aniversário do clube, resolveu-se que as antigas cores seriam substituídas pelo vermelho e o preto. Naquela época, a equipe de remo vinha sofrendo uma série de derrotas, e as cores amarelo e azul passaram a ser associadas ao mau agouro. Pode-se interpretar que a escolha das novas cores esteja intimamente ligada ao comportamento de fibra e raça assumido pelo clube. A cor rubra está presente em vários elementos ligados à guerra.

Essa personalidade da instituição rubro-negra é bastante celebrada e defendida no calor das apaixonadas discussões que envolvem o futebol. Como já adiantamos no início deste capítulo, recentemente a torcida do Flamengo foi agraciada com o título de patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro, em ato público do governo municipal. Atitude inovadora por parte das autoridades, fruto da mobilização popular que se formou em torno do time, ao final de 2007. Inicialmente ameaçado de rebaixamento, o clube reagiu e chegou à conquista do terceiro lugar do campeonato, e consequentemente à vaga para a cobiçada disputa da Taça Libertadores da América. Assistiu-se ao papel da torcida empurrando o time. Pode-se entender que esse movimento contribuiu de forma decisiva para a conquista, e foi reconhecido principalmente pelos jogadores, em suas repetidas declarações, e pela diretoria. Considerando-se o momento que atravessava o time, aparentemente não seria prevista ou coerente a adesão da torcida de forma tão entusiasmada. Mais uma vez julgamos conveniente destacar a existência de um aguçamento da identificação dos torcedores com a história de seus times, associado à já mencionada onda retrô. A torcida organizada, a Urubuzada, capitalizou esse espírito, com os cânticos e adereços, a adoção de jingles e

¹¹⁶ CASTRO, Rui. O vermelho e o negro. Rio de Janeiro. Editora Ediouro. 2005.

¹¹⁷ CASTRO, Marcos de, MATTA, Fernando Horacio da, PORTO, Luiz Roberto. Flamengo um século de paixão . 1ª edição.. Francisco Alves. RJ, 1995.

bandeiras estilizadas à moda antiga, e a identificação com antigos ídolos, em especial aqueles associados à conquista do campeonato mundial de 1981.

O movimento propiciou um clima contagiante, sem dúvida responsável pelo ambiente favorável para exacerbação de toda a conhecida paixão da torcida. Esses signos e sua simbologia vêm construindo vínculos com o passado, criando a perspectiva de pertencimento do público/torcedor a uma instituição maior - a agremiação esportiva. Numa iniciativa pioneira, a diretoria "aposentou" a camisa 12 na numeração oficial dos jogadores, em homenagem à torcida.

O futebol herdou as cores do remo, perpetuadas até hoje, como mostram o estatutos do Flamengo, criando uma tradição dentro do clube. As cores vermelha e preta permanecem até os dias atuais (Artigo 129). O pavilhão, a flâmula, os escudos e os uniformes do Flamengo deverão estar de acordo com os modelos aprovados pelo Conselho Deliberativo. Quanto à bandeira do Clube de Regatas do Flamengo, determina o Artigo 127: "O pavilhão do Flamengo é constituído por doze listras horizontais alternadas em vermelho e preto, com um campo preto no canto superior esquerdo, contendo uma âncora, dois remos entrelaçados e as iniciais CRF em vermelho". Pelo Art. 131, fica vedada a mudança do nome do Clube de Regatas do Flamengo; das cores vermelha e preta; e da legenda: "Uma vez Flamengo, Sempre Flamengo". Já os escudos do Flamengo são dois (Art.128): o primeiro, em tipo francês, contém duas partes iguais – vermelha, a superior, e preta, a inferior –, tendo ao centro uma âncora, dois remos entrelaçados, e as iniciais CRF em dourado; e o segundo, em tipo português clássico, contém oito listras horizontais alternadas em preto e vermelho, um campo vermelho no canto superior esquerdo, e as iniciais CRF entrelaçadas em letras brancas (Estatuto do Clube de Regatas do Flamengo, 1980). 118

3.7. Fluminense Football Club - O Tricolor

¹¹⁸ KOWALSKI, Marizabel. Por que Flamengo? Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho - UGV, 2003.

Fundado em 1902, o Fluminense foi o clube dedicado exclusivamente ao futebol do Rio de Janeiro, ao contrário do Botafogo, do Flamengo, do Vasco e do São Cristóvão, que tiveram sua origem relacionada ao remo. De acordo com Mandelblatt, presidente do conselho deliberativo e estudioso da trajetória do clube, a história do Fluminense confunde-se com a própria história do futebol carioca. O clube tricolor foi pioneiro; os outros times vieram a reboque. 119

O clube foi fundado por um grupo de vinte jovens, liderados por Oscar Cox, oito anos após Charles Miller introduzir o futebol no Brasil. Em 21 de julho de 1902, em reunião na Rua Marquês de Abrantes, 51 - residência de Horácio da Costa Santos - nascia o primeiro clube de futebol do Rio de Janeiro.

O Fluminense surgiu como clube específico para futebol e promovia o esporte entre o público. Foi através de iniciativas pioneiras do Fluminense, como a promoção de partidas beneficentes, que o público, sempre crescente, começou a manifestar entusiasmo pelo futebol. O fato contribuiu para o surgimento de novos clubes na cidade, como o América, o Bangu e o Botafogo, todos fundados em 1904. De acordo com Miranda, se os primeiros sócios do Fluminense já haviam definido a marca de refinamento, os entusiastas do jogo seguiram firmando novos códigos de conduta, compartilhados e concretizados através de seus uniformes importados e da aparência requintada que pretendiam assumir Muitos desses fundadores haviam estudado no exterior e trouxeram em sua bagagem as práticas esportivas consideradas civilizadas. Cox, em 1902, trouxe da Inglaterra as regras do futebol, juntamente com as modernas bolas Dupont. O intuito do Clube era restringir a prática do jogo às elites dos esportistas cariocas amadores. Apesar de tal propósito transparecer na ideologia das classes mais abastadas do Rio, as quais atribuíam caráter elitista ao jogo de bola inglês, na Inglaterra ocorria justamente o contrário: o jogo propagava-se nos círculos operários (Figuras 81e 82).

¹¹⁹ NOGUEIRA, Claudio. Futebol Brasil Memoria – De Oscar Cox a Leonidas da Silva (1897- 1937). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006. p.121.



Figura 87- Imagem da seleta torcida do Fluminense.



Figura 88- Torcedoras, caricatura de J. Carlos: atribui-se o termo às moças que, aflitas, torciam os lenços enquanto os seus pretendentes jogavam no gramado.

"Fluminense" vem do latim *flumen*, que significa rio; o nome foi escolhido pelos fundadores do clube em homenagem ao Rio de Janeiro. A agremiação, segundo Nogueira, quase recebeu o nome de "Rio", mas após desentendimentos entre Cox e outros pioneiros do esporte, decidiu-se abandonar essa primeira opção, visto que já havia um clube com o mesmo nome. Entretanto, a identidade visual do Fluminense não se articula diretamente com a emblemática da cidade, ao contrário do São Paulo Futebol Clube, que exibe em seu emblema a bandeira da cidade de São Paulo.

A mascote Cartola, criada pelo o cartunista argentino Lorenzo Molas, produzia a imagem de 'almofadinha', referente aos participantes da agremiação, e atribuía distinção social ao clube, como citamos no capitulo anterior. A mascote surgiu elegante, com sua imponente piteira, representando a imagem da aristocracia tricolor (Figura 89).

Fato importante, demonstrativo do suposto autoritarismo exercido pelos "cartolas" – dirigentes do Fluminense – ocorreu em 1911. Na ocasião, o time perdeu nove jogadores da equipe campeã, em razão da polêmica decisão dos dirigentes: ignorar o protesto contra a imposição da comissão técnica no sentido de substituir o jogador Alberto Borgerth, líder e campeão do time, pelo zagueiro Paranhos. Em resposta a essa decisão autoritária, Borgerth abandonou o Fluminenese, e tornou-se um dos fundadores do futebol no Flamengo.



Figura 89 – O Cartola, mascote do Fluminense.

Outra presença representativa do clube foi o ex-goleiro do América e fundador do Fluminense, Marcos Carneiro de Mendonça, verdadeira figura de dândi, que se vestia de forma elegante com dólmã branco e faixa roxa na cintura. Trajes hoje em dia inaceitáveis para um goleiro.



Figura 90 – Segundo Mario Filho, no clássico *O Negro no futebol brasileiro*, Marcos Carneiro de Mendonça era conhecido como "fitinha roxa", pois trajava um elegante uniforme branco, muito bem cortado, com uma faixa roxa separando a bermuda da impecável camisa (que alguns especulavam se tratar da mais pura seda européia). De acordo com outras passagens romanceadas do livro, o elegante goleiro era incapaz de se atirar ao solo, pois evitava sujar a alva vestimenta.

3.7.1. O Verde, o Grená e o Branco

O clube não era inicialmente tricolor, como os demais clubes; adotara o branco como uma de suas cores representativas, juntamente com o cinza aplicado no uniforme e na bandeira¹²⁰ (Figura 84).

¹²⁰ NOGUEIRA, Claudio. Futebol Brasil Memoria – De Oscar Cox a Leonidas da Silva(1897- 1937). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.



Figura 91- Bandeira do Fluminense

De acordo com Mondelblatt, a mudança de cores concretizou-se em 1904. Oscar Cox, em viagem a Inglaterra, não encontrou nas diversas casas de tecidos do país o tecido cinza que compunha o antigo uniforme. Enviou então uma carta à diretoria do clube, sugerindo à adoção das listras vermelha, verde e branca como as novas cores do clube; estas se perpetuam até hoje, contrariando a decisão adotada na assembléia meses antes, quando o próprio Cox havia votado a favor da permanência do antigo uniforme. Podemos concluir que o hábito de consumir importados da Europa, pelo fato de atribuir aos participantes certa distinção social, definiu a mudança das cores do time (Figura 92).



Figura 92 - Uniforme do Fluminense, 1903.

Recorrendo novamente aos estudos de Adrian Forty¹²¹, nota-se que, ao investigar a causa das mudanças do design nos objetos industriais, o autor rejeitou

¹²¹ FORTY, Adrian. Objetos de desejo - Design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

fatores formalistas (estéticos) e tecnológicos, pois como base teórica para sua análise definiu a história do design como um processo inserido em um contexto econômico e social. Para tanto, Forty selecionou alguns produtos industriais de diferentes períodos de meados desde meados do século XVIII até os dias de hoje. Foram escolhidos produtos que haviam sofrido a interferência da mão do designer, ou em outras palavras, que tinham sido objeto do emprego da metodologia projetual. O autor desejava entender como os objetos se materializaram em determinadas formas, isto é, como formas tangíveis poderiam se tornar ícones de consumo – demanda cultural hegemônica depois do advento da Revolução Industrial.

Na verdade, Forty enfatizou as complexas relações entre os fatores de marketing, o design dos produtos, e o seu significado para a sociedade. Assim, por exemplo, tomando o caso do receptor de ondas de rádio acomodado em caixa que imita uma moldura antiga, confirmou-se a manutenção de uma forma conhecida, uma forma da tradição, um estilo recorrente em determinado período histórico. A guarda dessa tradição demonstrou que o objetivo do designer era esconder, em uma peça de madeira, algo de finalidade diferente, isto é, empregar um móvel como o tradicional armário de madeira na sala de estar, de modo que o utensílio industrial fosse comercializado com mais facilidade. Em seguida, o autor examinou o modo pelo qual as pessoas se familiarizaram com aquele estojo ou caixa de madeira (o rádio), e de que forma este objeto acabou entrando em um universo de valores com o significado de vida melhor para o seu possuidor; finalmente demonstrou que cada uma das soluções empregadas visava ocultar, disfarçar ou tornar irreconhecível o rádio, a sua forma industrial. Da mesma maneira, a decisão de cambiar as cores do Fluminense não foi gratuita, mas sim baseada no universo de valores do clube, tentativa de construir uma imagem de sofisticação, implícita na escolha das cores.

O Fluminense adotou em seu uniforme a moda tricolor das listras européias, como marca do refinamento definido pelo clube. Importar da Europa significou um selo de distinção social; ao mesmo tempo, a escolha do modismo das listras revolucionárias tricolores presentes na bandeira inglesa (em vermelho, azul e branco) para representar o Fluminense, propiciou outro fator de diferenciação em relação às demais agremiações cariocas. No caso em questão, o

significado da listra esportiva, conforme mencionamos no capitulo 2, justapõe-se ao significado da revolução.

Por trás desse mimetismo, revela-se toda uma contextualizão histórica das bandeiras tricolores na Europa. Segundo Pastoureau:

A bandeira da França fez surgir, nos séculos XIX e XX, numerosas bandeiras tricolores, quer das mesmas, quer doutras cores, escolhidas por países que adquiriram a sua independência e reivindicaram os valores dos direitos do homem e as idéias saídas da Revolução Francesa.

Essas cores foram adotadas pelos rebeldes parisienses por motivos ainda não esclarecidos. Segundo uma explicação não fundamentada, o branco é a cor do rei; o azul e o vermelho, as cores de Paris. Porém, à época da Revolução Francesa, esse significado já havia sido abandonado. Na Revolução de Independência dos Estados Unidos (1774 -1775), surgiu a bandeira listrada de azul, vermelho e branco, que representa as treze colônias americanas A nova república americana apropriou-se da bandeira britânica, mas sob novo olhar, atribuindo-lhe toda uma carga simbólica de valores ideológicos e libertários. Sem a bandeira inglesa, as outras duas não existiriam. A bandeira britânica foi criada a partir da união das cores de três reinos e de seus símbolos - a cruz de São Jorge, a de Santo André e a de São Patrício, respectivamente patronos da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda. Assim o pavilhão inglês formou-se da fusão das três cores com os símbolos da cruz. Esse símbolo religioso conforme foi tratado no capítulo 1, ainda se faz presente na bandeira do Reino Unido e na seleção da FA. Porém no seu pavilhão os revolucionários americanos e franceses aboliram a cruz - que no caso representava a tradição do Antigo Regime - e adicionaram as listras revolucionárias.

Outro aspecto que transmite o sentimento do Fluminense: o apelido do clube é 'pó-de-arroz', o que também confirma a cultura aristocrática do clube. Nesse sentido, é bastante representativo o fato de a família real brasileira torcer

¹²² O apelido pó-de-arroz vem desde 1914 e se deve ao jogador Carlos Alberto, do Fluminense, o qual costumava passar pó-de-arroz no rosto para esconder a sua pele mulata.

majoritariamente pelo Fluminense: a realeza brasileira se sentiu representada pela agremiação.

Num aparente contraponto, a Mangueira, famosa escola de samba, de reconhecido cunho popular, escolheu as cores do Fluminense para representá-la. A sugestão partiu de Cartola, torcedor do time tricolor. O fato expõe a estreita ligação entre o verde-e-rosa, característico da Mangueira e o verde-e-grená do Fluminense, cores que de certa forma popularizaram o clube. A Escola de Samba Grande Rio seguiu a mesma linha; o futebol também está por trás das cores do Grêmio Recreativo. O vermelho, o verde e o branco foram escolhidos em votação, mais ou menos democrática. O resultado contou com 'uma forcinha' de Milton Perácio, diretor de carnaval da Escola e fanático torcedor do Fluminense. "Estava dando o azul-pavão e o amarelo-ouro. Mas como a maioria era tricolor, torcia para o Fluminense, como eu, procuramos apelar um pouquinho, fizemos uma escola tricolor. Assim nasceram as três cores da Grande Rio, que são sucesso, graças a Deus". lembra Perácio.

No que entendemos estar relacionado com o aspecto carnavalesco que permeia as manifestações culturais do Rio de Janeiro, o Fluminense contava entre seus torcedores com uma figura folclórica, conhecida como "o Careca do Talco". Este era famoso por carregar consigo grandes porções do talco, que espalhava no ar, empoeirando o ambiente – o que virou uma tradição na campanha vitoriosa do time nos anos 80. Em entrevista ao documentário esportivo do ano do centenário tricolor, o Careca se auto-intitulou o palhaço tricolor, numa referência ao aspecto circense que reconhecemos no futebol carioca. Seu visual característico corrobora a alcunha (Figura 93).



Figura 93 – O Careca do Talco, emocionado durante homenagem nas comemorações do Centenário tricolor

3.8. Utilização dos signos para reforçar a identificação com as tradições

A prática do culto a ídolos, tão recorrente no futebol, em se tratando do Fluminense é bastante contestada pelos rivais, com a devida pitada de sarcasmo, sob alegação da suposta ausência de ídolos identificados com o clube. Contudo existe o reconhecimento explícito da figura do goleiro Castilho como a principal referência da história do Fluminense – manifestado de forma veemente por inveterados tricolores no documentário *Saudações Tricolores*.

Apesar de ainda não figurar nenhuma imagem dos ídolos nas bandeiras de suas torcidas, verifica-se recentemente no clube a tentativa de reviver as memoráveis festas das arquibancadas, nas décadas de 70 e 80, com a utilização de bandeiras e adereços que remetem àquela época. Na partida de 13/10/07 contra o São Paulo, o movimento Legião Tricolor e o Sampa Flu (grupo de tricolores exilados em São Paulo), levaram ao Maracanã 2.000 bandeiras de mão, proporcionando na arquibancada um visual há anos esquecido. O Fluminense capitalizou de forma pioneira essa lacuna, ao relançar a clássica camisa da "Máquina Tricolor", geração da agremiação, vencedora nos anos 70 (Figura 94).



Figura 94 – Torcida do Fluminense resgata a tradição das bandeiras dos anos 70 e 80.

Como exposto no capítulo 2, a moda retrô se fez presente de forma significativa no futebol. O tricolor marcando época é celebrado também num livro

escrito por Nelson Motta, ¹²³ no qual se exaltam os feitos do time. Após o sucesso de diversos modelos de camisas clássicas de clubes, o que se tem visto é uma renovação de comportamento. Algo muito positivo, relacionado às torcidas. Com semelhante proposta, os responsáveis esperam resgatar a tradição das bandeiras, exibir ao Brasil a força da torcida tricolor, além de motivar os jogadores com a demonstração de que todos estão juntos na busca por títulos e conquistas.

O universo esportivo está marcado pela presença maciça das relações de mercado nas práticas cotidianas. Os torcedores não encontram, nessas relações, elementos que particularizem sua ligação com as respectivas agremiações esportivas.

A infinidade de produtos esportivos, a constante atualização das marcas e uniformes, bem como a abundante cobertura da mídia criaram um vácuo na construção de uma identidade mais sólida e permanente para os clubes. Essa identidade deve incluir as transformações e a modernidade típicas do cenário contemporâneo, mas também permitir a continuidade da identidade daquela agremiação na sociedade a qual pertença.

O passado, nesse contexto, vem servir de elo entre as agremiações e o público, recuperando os valores mais importantes para formar uma imagem contemporânea compatível com a identidade que as empresas esportivas, as torcidas ou o próprio clube desejam construir. O uniforme materializa essa memória afetiva das glórias esportivas, e valoriza a disputa entre as torcidas através, também, de seu passado. Entre um presente fluido, marcado pelas constantes intervenções dos interesses do mercado empresarial nos clubes – ingerências responsáveis pela constante alternância entre os jogadores, técnicos e produtos esportivos –, e a expectativa de um glorioso futuro das vitórias, é possível encontrar nos uniformes e marcas do passado, bem como nos ídolos e seus respectivos números, verdadeiros "lugares de memória", seguindo a perspectiva de Pierre Nora¹²⁴. Novamente considera-se oportuno destacar que esse signo vem construindo o vínculo com o passado, criando a perspectiva de

¹²³ MOTTA, Nelson. Fluminense: Breve a Curiosa História de uma Máquina de Jogar bola. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

¹²⁴ NORA, Pierre. 1984 apud NEVES, M. de S. Lugares de memória da medicina no Brasil. http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugares dememoria.htm#_ftn1, acesso em $04/04/\,2007$.

pertencimento do público/torcedor a uma instituição maior - a agremiação esportiva.

No que pode ser entendido como contrapartida à necessidade de resgate e manutenção das tradições, a fluidez do mercado esportivo modifica a camisa das agremiações a cada temporada, desfigurando a identidade original das associações. A camisa centenária do Fluminense, primeiro uniforme do time, sempre foi originalmente tricolor. Para 'alavancar' a venda das camisas, a cada estação os clubes passaram a alterar-lhes a cor e o design, geralmente no que se refere ao terceiro uniforme. Como citamos no capitulo anterior, o mercado constitui um dos fatores de legitimação das camisas. Como exemplo foi citada a tentativa do Fluminense Futebol Clube, em 2001, no sentido de adotar a camisa de cor laranja como terceiro uniforme de seu time, em homenagem ao bairro das Laranjeiras.

Seguindo a mesma linha, o Corinthians pretende criar em 2008 uma camisa roxa, no pretexto de homenagear o torcedor 'roxo', aquele excessivamente entusiasmado com o clube. A real motivação, contudo, fica evidente: é explicitamente comercial. A partir dos anos 70, impulsionado pelo advento da TV em cores, o futebol deixou de ser simples jogo e passou a representar negócio lucrativo. A camisa é um grande componente de geração de lucro para o campo esportivo. Em paralelo, mantém-se presente a permanente polêmica no campo esportivo entre os que buscam manter as tradições visuais dos tempos passados e os que entendem a necessidade de atender às dinâmicas demandas do mercado.

125 Cabe ressaltar que o envolvimento emocional e a devoção dos torcedores ao clube

http://futebolnegocio.wordpress.com/2008/03/29/conexao-com-o-torcedor/Acesso em 29/03/2008

estabelecem uma relação de fidelidade de consumo no que diz respeito aos artigos esportivos, a qual não ocorre em nenhuma outra marca no mercado. A Indústria do Esporte enfrenta um desafio de marketing completamente diverso em relação a qualquer outro mercado de entretenimento: a fidelidade é garantida por longo prazo e normalmente não se interrompe por ocasião dos inevitáveis fracassos de venda de produtos esportivos². Disponível em



Figura 95 – Nova camisa do "Corintiano Roxo"

3.9. Outras Agremiações Cariocas

Os uniformes do São Cristóvão e a da Seleção Brasileira têm em comum a escolha do higiênico branco para representá-los. O SCFR, apesar de simbolizar no seu emblema as cores preto e branco, ostenta o uniforme inteiramente branco - camisas, calções e também meiões, conhecido como 'uniforme cadete'. Assim, o time e sua torcida também são conhecidos como "Os Cadetes", pois além do uniforme todo branco, à época do título havia muitos militares que freqüentavam o clube, em virtude da proximidade deste com os quartéis.

O Bangu utiliza-se da cor rubra associada à branca. As versões para a escolha dessas cores são contraditórias. Alguns a atribuem aos ingleses que trabalhavam na Fábrica Bangu - uma homenagem a São Jorge, padroeiro da Inglaterra. Outros alegam que as cores são as mesmas do Southampton F.C., antigo time da Inglaterra, cujo brasão é representado por três rosas (duas vermelhas e uma branca). O hino do Bangu faz alusão ao sangue: [... tem também como divisa na camisa, o vermelho sangue a brilhar, e faz cartaz, estouram foguetes no ar...]

O Bangu FC foi fundado em 1904, mesmo ano da fundação do América e do Botafogo. O Bangu foi o primeiro a ser criado, em 17 de abril, pelos engenheiros e técnicos da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil (C.P.I.B.). O clube situava-se no bairro do mesmo nome, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro.

As primeiras cores do América foram o preto e o branco. Usava-se boné preto, dólmã branco e camisa preta. Em 1907, ostentaram-se temporariamente as cores rubro-negras. A partir de 12 de Abril de 1908, Belfort Duarte, ¹²⁶ figura histórica do clube, sugeriu a mudança das cores da agremiação para rubro, cor adotada até hoje. Duarte almejava criar um América em cada estado do Brasil. Sua intenção realmente concretizou-se em vários lugares; somente o América Mineiro não se tornou vermelho, e sim alvinegro.

O uniforme passou a ser vermelho, por inspiração da cor das camisas do *Mackenzie College* de São Paulo, com as inicias AFC. O círculo que contorna as letras foi adotado em 1913, também segundo proposta de Belfort Duarte.

O América teve importância histórica para o futebol do Rio. Era o segundo clube do Rio, tão sofisticado quanto o Fluminense. Curiosamente a colônia portuguesa torcia pelo time e só passou a apoiar o Vasco em 1923, quando este último chegou à segunda divisão. O pavilhão do América era higienicamente preto, com o monograma formado pelas três letras AFC. Mais tarde foi trocado por outro inteiramente branco, ostentando ao centro um círculo vermelho, à semelhança da bandeira japonesa.

Neste capitulo analisamos a identidade de visual dos principais clubes de futebol cariocas, associando as características visuais particulares ao Rio de Janeiro, destacando a singularidade de cada associação e apresentando a cultura particular de cada associação esportiva, com códigos sociais e valores próprios.

Para cada associação estudada apresentamos análise baseado nos estudos de Adrian Forty¹²⁷, na qual se verifica a relevante dimensão cultural presente na iconografia das agremiações de futebol cariocas. Apuramos que o processo de construção social expresso através das cores, bandeiras e símbolos gráficos produziu um estremamente importante sistema de imagens identitárias, em detrimento da consideração de aspectos meramente técnicos e estéticos.

¹²⁶Para aprofundar a respeito de Belfort Duarte consultar publicação de CUNHA, Orlando e Valle, Fernando. A história do América. Rio de Janeiro: Ed. Didática e científica, 1976.

¹²⁷ FORTY, Adrian. Objetos de desejo - Design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.